

# *KAIROS* E ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA: MULHERES SEM-TERRA DO CEARÁ, ENTRE EXPERIÊNCIA, EXPECTATIVA E AÇÃO

Paula Godinho\*

*Muitas pessoas acreditam que, no sistema de coordenadas geográficas, existe um ponto perfeito, onde o tempo e o espaço chegam a acordo. Talvez seja por essa razão que partem de casa, pensando que, mesmo que se movimentem caoticamente, aumentam a possibilidade de encontrar esse ponto. Se nos encontrarmos no momento certo e no espaço certo, há que aproveitar a ocasião, agarrar o momento com unhas e dentes para descodificar o código da fechadura, descobrir a combinação secreta dos algarismos e desvendar a verdade. Não perder a oportunidade, surfar as ondas do acaso, as coincidências e os caprichos do destino. Nada mais é preciso – basta apresentar-se, marcar presença nesta configuração do tempo e do espaço. Aí, tudo se pode encontrar: um grande amor, a felicidade, a chave para o primeiro prémio da lotaria, a explicação para um mistério que, em vão, todos tentam há muito resolver ou, então, a morte. Há vezes em que, logo de manhã, temos a impressão de que esse momento está prestes a chegar e de que poderá ocorrer ainda hoje.*

Olga Tokarczuk, Viagens, Lisboa, Cavalo de Ferro, 2019:72

---

\* Departamento de Antropologia e IHC NOVA FCSH

## 1. O DIA ANTES, AS CORRENTES QUE SE CORTAM E O DIA SEGUINTE<sup>1</sup>

A evocação deste excerto da escritora polaca Olga Tokarczuk desencadeia uma girândola de ideias, que fazem tropeçar no significado da palavra *kairos* em vários dicionários. Esse “momento oportuno” trará dentro, segundo vários dicionários, noções como medida, medida certa, adequação, moderação; diferença, significado; lugar vital, ponto sensível no corpo; tempo, tempo crítico; o momento certo, o tempo adequado, a ocasião, o instante oportuno ou propício. Cabem também no sentido ampliado de *kairos* aqueles que chegaram inesperadamente, a perda de uma ocasião, ou a hora certa. Contudo, é surpreendente que também signifique o ato de ajudar em caso de tempestade, o perigo final, a vantagem, ou o lucro.

*Kairos* suspende o tempo corrente em épocas e estados críticos. Traz dentro a surpresa, aquilo que necessita do instante para ocorrer, que interrompe a ordem das coisas, sempre imprevisível e incronometrável. Sigo na pegada desse deus menor, que embarga *Kronos*, este vinculado a um tempo paulatino, quantitativo, a saber a destino e condenação, que devora os filhos no temor de que o substituam. *Kairos*, pelo contrário é uma qualidade do tempo que parece conter a promessa de renascer no momento certo e no lugar certo, com a oportunidade do instante e a possibilidade resgatada dentro dos impossíveis, entre *Grandes Razões* e razões pequenas (Godinho, 2020) a impelirem rumo à mais radical das práticas possíveis, a ação coletiva (Godinho, 2017).

Neste texto, a incitação é indagar os caminhos para o porvir, primeiro a partir dos *sonhos humildes* (Contreras, 2019; Contreras, em vias de publicação), concentrando-nos num percurso de vida e num

---

<sup>1</sup> Este texto é profundamente devedor do saber construído no âmbito do projecto “Futuros en disputa: las narrativas sobre el porvenir a partir de la coyuntura política del 2018 en México”, coordenado por Guadalupe Valencia García (UNAM, México, 2019-2021, PAPIIT). O *Seminário Internacional Futuros en Disputa –El Análisis social de las narrativas y de las semánticas del tiempo por venir*, que teve lugar em Novembro de 2019 na UNAM, no Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias Y Humanidades juntou prestigiados e sábios investigadores, de cujo saber muito beneficiei. Por outro lado, também beneficieu da discussão no âmbito do seminário teórico da linha de investigação «Usos do Passado, Memória e Património Cultural» do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, bem como do projeto “FAILURE: Reversing the Genealogies of Unsuccess, 16th-19th centuries”, H2020-Marie Skłodowska-Curie Actions, RISE, European Commission (2019-2023). Finalmente, reflete a minha participação no Grupo de Trabalho CLACSO "Izquierdas: praxis y transformación social", coordenado por Viviana Bravo Vargas e Mariana Mastrangelo, entre 2019 e 2022.

olhar de proximidade sobre uma narração, e depois num momento empolgante de ação coletiva ousada, em tempos duros para os movimentos sociais no Brasil. A partir de uma investigação em curso, iniciada em 2017 e continuada em 2019 (Godinho *et al*, 2020), centrada em mulheres Sem-Terra do Ceará, no Nordeste do Brasil, o meu argumento assenta no entendimento de que o momento oportuno é raro, mas joga um papel essencial nas vidas das subalternas de todas as cores, géneros e identificações. Conquanto não ocorra todos os dias, tem um papel de relevo no caminho para uma vida melhor, emergindo como rotura nos itinerários de vida das dezasseis mulheres que ouvi, em assentamentos no sertão e no litoral cearenses em 2017, e numa estadia de terreno em 2019 (Godinho, 2020). Ao longo deste texto pratica-se uma antropologia implicada, que se esforça por entender a necessidade de quem age. Parto delas, numa investigação mais lata, para interrogar o lugar do porvir e a aceleração da história, entre experiência, expectativa e ação.

Remetidas para uma subalternização múltipla, de classe, de género, de etnicidade, de cidadania, as mulheres entrevistadas trazem consigo uma linhagem que envolve as que usam línguas minoritárias, as que foram vistas como sacrílegas e ladras, que aproveitam a ocasião que surge e que confere viabilidade ao que parecia fora do campo das probabilidades, para acederem ao que lhes permita uma existência melhor. Para essas deserdadas, a perceção de uma vida boa passa pelo acesso à terra.

Como comprovou alguma etnografia, desde os anos 1960, os camponeses são dos mais vulneráveis às mudanças trazidas pelo capitalismo, e dos que mais se ressentem do crescimento de população, da usurpação da terra pelos proprietários, da perda de direitos de pastagem, de águas, de acesso à floresta, de hipotecas e do aumento de rendas. Os laços de parentesco e de ajuda mútua entre vizinhos são decisivos para construir redes no quotidiano, bem como para aguardar o momento oportuno, essencial ao desencadeamento de formatos de luta aberta. Numa obra fundacional acerca dos movimentos sociais rurais no séc. XX, Eric Wolf considerara que as revoltas camponesas não podem desencadear-se a partir de situações de impotência, que os tornariam presas fáceis, alvos de previsível retaliação e repressão (Wolf, 1969). O apoio externo pode ser fulcral, como sucedeu com o retorno dos soldados russos aos campos, em 1917, depois do colapso do exército na frente da Primeira Grande Guerra, ou com o Exército Vermelho, na

China. Segundo Eric Wolf, esse apoio externo confere capacidade de manobra, embora o ímpeto para o contencioso esteja presente, e as contradições sejam internas e, frequentemente, ubíquas. Como notara James C. Scott, as circunstâncias que favorecem as rebeliões camponesas são raras e podem ser esmagadas sem cerimónia. As resistências de rotina, designadas “armas dos fracos”, ocorrem antes, durante e depois dos momentos inflamados e empolgantes, em que a história acelera. Contudo, os atos de rebelião podem ter uma importância simbólica, que se sobrepuja à silenciosa guerrilha do quotidiano, que constitui “...*the prosaic but constant struggle between the peasantry and those who seek to extract labour, food, taxes, rents and interest from them.*” (Scott, 1986:6).

Quando o tempo acelera, o presente parece ficar aquém da possibilidade de ser experimentado como presente, porque escapa em direção ao futuro. Os momentos em que a história se apressou são raros, mas marcantes. Podem vir a merecer feriado, com inscrição no calendário coletivo, e trazem dentro um potencial de esperança e alento: ao acontecerem, dilataram o campo das possibilidades. Encadeiam a ação localizada com políticas centrais favoráveis, conferindo poder a um coletivo: o todo torna-se maior do que a soma das partes, esbatendo o que diferencia (Godinho, 2017). Mesmo após as derrotas, constituem um lastro.

As revoluções são arrebatadoras, exaltantes, inspiradoras, invencíveis na memória, mobilizadoras, farnel de esperança, portanto. Em *A nossa fada Morgana – Viagem pelos imaginários da revolução de Abril*, Manuela Cruzeiro recorda-nos que “

A revolução, mesmo derrotada, ou desvirtuada, conserva uma espécie de invencibilidade, porque permanece na memória dos povos como narrativa exaltante e inspiradora, fonte regeneradora das mais fundas expectativas de felicidade colectiva, manancial inesgotável de energias mobilizadoras contra a depressão e a decadência, voo de águia ou salto de tigre sobre o caminhar lento e penoso de um mundo hostil e sem esperança” (Cruzeiro, 2017:25).

Como nos recorda Éric Vuillard, no seu épico dos subalternos sobre a tomada da Bastilha, quando se cortam correntes não há dia seguinte (Vuillard, 2016): ao entrar na multidão em direção à Bastilha, em 14 de julho de 1789, cada um não sabia o desfecho, nem como viria a ser recordado esse instante, conquanto se tornasse marcante, *a posteriori*.

A história oral (ou o recurso à recolha de memórias) permite acesso à perspectiva de quem integra os grupos sociais subordinados, que introduz cambiantes na configuração enformada pelas elites, bem como uma rutura com uma dimensão exclusivamente diacrónica. Única e plena de aura, a vida de cada pessoa constitui uma antecâmara do conhecimento da sociedade (Godinho, 2016). Franco Ferrarotti nota que recolher uma narração de vida, no contexto de cumplicidades que imbricam narrador e narratário, implica que a história relatada servirá para algo (Ferrarotti, 1990:12). Para o autor, que não descarta a abordagem do grupo e das associações, as vidas das pessoas são sínteses verticais de uma história social, com os comportamentos e ações como epítomes horizontais de uma estrutura social, permitindo granjear uma imagem partilhada do passado. Foi esse um dos caminhos seguidos neste texto, que se centra numa voz e num momento de protesto em que o momento oportuno teve centralidade.

## 2. MEMÓRIA SENSÍVEL E VOZ MÚLTIPLA

Deixemo-nos levar pela mão de uma mulher, militante sem-terra, que se conta no tempo da sua vida, e no momento em que suspeitou que a história podia acelerar. Pode ser nesse momento que se renasce, quando a existência deixa de ser só o que acontece, para integrar igualmente o que se faz com ela. Quando esse momento ocorreu, Maria Ana, a mulher que vamos seguir, pôs-se a caminho:

Lá em Nova Olinda foi quando surgiu essa ocupação, que foi em 1991. (...). Aí, eu deixei o homem cuidando dos meninos e da roça, quebrei e fui para ocupação. Era no Caldeirão (...). Caminhei 5 léguas de pé. Saí de Nova Olinda à uma hora da tarde, cheguei lá onze da noite, mais um menino de 11 anos. E ainda hoje, graças a Deus, foi o passo melhor que eu dei, foi para lá! Que nesses 28 anos, graças a Deus, nem precisou de eu sair mais. Sofremos muito, passamos muita necessidade. Ocupação de terra é uma necessidade grande: a gente não tem comida, não tem roupa, tudo é de esmola para comer. (...) Aí, mas graças a Deus, minha felicidade foi ocupar essa terra. (...) O padre mandou chamar o batalhão de choque, que

era para nos matar, que nem mataram o povo no tempo do beato<sup>2</sup>. O governo disse que não liberava o batalhão de choque para nos matar. Aí nos tirou de lá, nós só passamos vinte e dois dias lá no Caldeirão. (...) A terra só tinha jurema, nem água tinha. Nem tinha nenhuma casa, não tinha era nada. Sabe o que era nada? (...). Só tinha terra e mato. Aí fomos roçar, fazer barraquinha de palha, de lona e ficamos ainda... Nós moramos ainda uns oito anos de barraca de lona, cercado que nem chiqueiro de porco. Foi ocupado com 90 famílias. (...) Nem todo mundo tem coragem de sofrer, porque a luta traz sofrimento. (...) A minha (...) menina mais velha tinha 15 anos, hoje com os três de coração que eu tenho, com os quatro que eu tinha, fez sete, não é? Já são todos casados e eu já tenho neto que vai fazer 25 anos, que já nasceu lá, já nasceu lá. Vivem todos na terra. Todos vivem trabalhando na terra, todos vivem bem. Tem filho formado. Eu nunca fui para escola.

Quem assim fala é Maria Ana da Silva, que tem 67 anos em 2020, e é natural do Crato, no Ceará. Conquanto seja conhecido como “oásis do sertão” não deixa de ser um espaço despovoado e de baixa densidade populacional. Os colonizadores e os seus descendentes preferiram o litoral, onde a exploração intensiva era mais fácil: *“Na visão dos que acumulam as riquezas desta forma produzidas – a plantation e a fábrica, os bancos e o agronegócio, as empresas de consultoria e as obras públicas -, o sertão é o Outro, a sua negação, o seu reverso.”* (Neves e Cândido, 2017:8). Euclides da Cunha chamara ao sertão da revolta de Canudos “terra ignota”, e notara a sua pluralidade: não é sertão, são sertões (Cunha, 1902). Com recurso à terminologia de James C. Scott, Frederico de Castro Neves e Tyrone Cândido chamam-lhe «zona de refúgio» (Scott, 2009, *apud* Neves e Cândido, 2017), pois para o sertão escapavam os pobres de todas as etiologias: indígenas, quilombolas, criminosos, camponeses, cangaceiros. A partir de um olhar exterior, branco, urbano e classista, trata-se de «classes perigosas», uma designação que exotiza e, no limite, criminaliza o modo de vida dos sertanejos. É daqui que parte quem conta a sua história:

---

<sup>2</sup> Refere-se ao beato José Lourenço, que defendia *“a igualdade entre os filhos de Deus”* (Ramos, 2016:7), e cujos seguidores foram massacrados, em 11 de setembro de 1936, no Caldeirão, Ceará. Acredita-se que 700 camponeses tenham sido mortos, num movimento messiânico nas terras do Crato, no Ceará.

Meu nome é Maria Ana da Silva e no dia 15 de março [de 2019] eu inteirei 66 anos. Sou filha natural de Barbalha, eu me batizei e me casei na igreja de Santo Antônio em Barbalha. O nome de papai é Raimundo Serafim da Silva, de mamãe é Maria Ana de Jesus. A vivência lá não era muito boa, não. Era limpando cana de açúcar, de fazer rapadura e quebrando coco babaçu, macaúba. (...). Somos doze irmãos, seis homens e seis mulheres. Foi uma jornada muito comprida para gente chegar onde está, não é? Graças a Deus. Mas o que eu me admiro é que foi uma vida muito difícil, mas Deus ajudava tanto, que com toda a necessidade, toda a precisão... Porque naquele tempo era difícil, as mães tinham muito filho e não tinha condição de dar um estudo. Porque só quem estudava eram os filhos dos empresários, não é? Nós, que era morador, era para trabalhar como escravo. E ainda hoje. Nós somos todos doze irmãos vivos, não morreu ninguém ainda.

Maria Ana é uma mulher que se põe ao caminho, acompanhada por um menino de 11 anos. Fazem cinco léguas a pé, ao saber que vai haver uma ocupação de terras, que traz consigo a possibilidade de conseguir um local para viver e criar os filhos. Ao observar no mapa a distância entre Nova Olinda e o Crato, no Caldeirão, perto de Juazeiro do Norte, custa a crer que alguém saiu de manhã e percorreu mais de quarenta quilômetros, atrás de um sonho. Mais, impele a pensar na dureza das condições de partida.

Maria Ana relata de jorro a sua vida, sentada em frente de uma bandeira do MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, numa manhã cálida de abril de 2019. Estamos no Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto, em Fortaleza. É uma narração de vida com partidas e chegadas, percursos entre a cidade e os campos, a escolha do homem que é o seu, com o qual constituiu a família que se acrescentou pelos que saíram do seu útero e pelos que entraram no seu coração.



Imagem 1: Maria Ana da Silva

Aí fui crescendo lá, fui crescendo, e papai era muito dono do mundo. Não deixava rapaz nenhum se aproximar. Quando a gente ficou moça, que eram três mais velhas, aí foi que chegou esse rapaz de Nova Olinda, que foi dar um passeio lá em Arajara, não é? (...). E se interessou por mim, ele mandando recado, e eu sem querer, porque ele já era idoso. Papai disse que lá não tinha nem mulher, nem banco, para o homem alisar o banco. E ele enfrentou o papai, disse que alisava. E ele não alisava. Aí afinal de contas, eu com 19 anos, ele com 32 anos, o rapaz. Como ele foi o único que teve coragem de enfrentar papai, eu disse “Não, eu vou casar. Porque esse cabra é macho, não é? Porque enfrentar uma fera dessas, não é?...”. Até que casamos. Fomos, fizemos uma casa lá. Aí de lá,

casamos em 1974, em 1975 nasceu a primeira menina. Em 1976 nasceu outro menino. Aí quando esse outro nasceu, nós fomos para Nova Olinda. Lá nasceu outra menina, em 1977, está vendo? [risos]. Em 1977 nasceu outra. Aí, quando a outra nasceu, trabalhando tudo de roça nesse tempo, viemos de lá, viemos morar no Crato. Fui trabalhar na SAAEC, que era um órgão que faz a manutenção da água. Aí foi nascer outro menino, 1979. (...) Nessa época, tinha 27 anos. Aí liguei, aí pronto, só tive esses quatro. Fomos viver lá no Crato, e moramos seis anos. Ele desempregou. Eu tinha dois irmãos que moravam em Fortaleza, um deles foi dar um passeio, trouxe nós para morarmos aqui. Eu comprei uma casinha lá na Praia do Futuro. Morei oito anos na Praia do Futuro. Os meninos começaram a crescer e eu vi umas coisas muito desiguais, que eu não tenho costume de ver, e voltamos para lá de novo. Nesse período daqui, eu arrumei um menino do coração. Ele nasceu, a mãe disse que não queria, que não podia criar, e o meu já tinha os seus nove, dez anos, o mais novo. Aí, eu disse: “Eu quero”. Criei ele, hoje está com 35 anos, por aí. Esse eu arrumei aqui.”

O discurso de Maria Ana traz dentro o sonho dos pobres do campo, que circulam em busca do que lhes falta, animados por uma noção de vida boa. Querem um chão para cultivar, morar, ter uma escola, e conseguir aceder a energia, água canalizada, condições de salubridade. Raúl Contreras chama-lhes “sonhos humildes”:

Esos sueños, son los de un mejor pasar, de formas locales de pensar el bienestar, de construir la vida buena y, antes, mucho antes que eso, de hacer la vida posible en espacios donde por décadas ello parecía negado. (...). Cada uno de estos avances fueron colocados como fragmentos de esperanza en la articulación entre el presente de esfuerzo y el futuro imaginado, entre los sueños humildes y sus pequeñas concreciones. (Contreras, 2021:179).

Ao longo da entrevista, Maria Ana salienta as conquistas, o momento para a ação, a conjuntura translocal que permitiu levedar a massa de que eram feitos os seus sonhos. Recorda o passar do tempo numa partilha do sensível (Rancière, 2016), em que o infinitamente pequeno serve para compreender os momentos nos quais a história acelera, a partir do seu olhar e da sua experiência.



Imagem 2: Maria Ana da Silva

Hoje eu ainda vivo do trabalho de uma enxada. Mas meus filhos, hoje, tudo tem. Há dois que já têm faculdade, formadas em faculdade. Tenho filho professor, tenho filho técnico, tenho tudo de bom, graças a Deus. Teve muito sofrimento. E para poder conseguir um projeto, para fazer umas casas para a gente morar, foi que nós

viemos aqui para Fortaleza. O MST organizou, e veio gente de vários assentamentos, não era só o nosso. Passamos dezessete dias na Bezerra de Menezes, dormindo noite e dia na pista, para poder o governo liberar um projeto para fazer umas casas para a gente morar<sup>3</sup>. Dezessete dias, dia e noite na pista. Nessa época, o governo era Tasso Jereissati, e ele atrás de querer matar a multidão de gente na rua, porque [não?] tinha vergonha. Porque ‘os pobres são uns esmoléus, são uns cachorros’, não é? Para eles, para os ricos. Mas o MST graças a Deus, eles são um povo tão sabido! Eles têm todo jeito de despistar tudo de ruim, e aí nós só saímos com o projeto de fazer as casas. Fizemos as casas, passado o quê? Esse povo, quando viu terminar as casas, já estava com 10 anos que nós morávamos na terra. Aí, ficamos sem água, botamos a energia, ficamos com as casas e com energia. Está com dois anos que nós ligamos água, para ter água ligada, para não carregar de cabeça. Vinte e oito anos, e agora que tem dois anos que ninguém carrega água na cabeça. As coisas para pobre é difícil!

Caminhou pelo sertão 40 quilômetros, de uma assentada. No sertão cearense é a natureza que impele à esperança: a chuva é rara, chama-se bom tempo e é retida em açudes, para uso futuro. Nestas terras secas, quem nos recebe já antevê aquilo que o solo há de dar, embora o semiárido possa ocultar durante meses a possibilidade de ficar verde e produtivo.

O primeiro projeto que entrou lá foi do grupo de mulheres. O grupo de mulheres trabalhava com suíno, trabalhava com caprino, trabalhava com hortas já, que ainda hoje trabalha com a horticultura... E, graças a Deus, ainda hoje a gente vive

---

<sup>3</sup> Em 1997, o Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra convocou um Acampamento numa grande avenida de Fortaleza, a Bezerra de Menezes, que sofreu um violento cerco imposto pela polícia do Estado, sob as ordens do governador Tasso Jereissati. Terão sido dezassete dias de horror, com gente presa e ferida, com 1800 policiais armados para despejar os 1500 Sem-Terra. A imagem mais macabra que é recordada está associada a um carro que a polícia fez deslocar para o local e que dizia ser destinado a levar os mortos. Por outro lado, lembram-se cenas delicadas e solidárias, quando os Sem Terra sitiados juntaram panos que coseram e converteram num lençol gigante, no qual recolhiam garrafas de água e alimentos que a população da cidade atirava do outro lado do cerco policial, durante as horas em que não conseguiam aceder a nada, pois toda a gente foi impedida de sair e entrar no Acampamento. No final, os Sem Terra foram recebidos pelo governador, que atendeu a grande parte das reivindicações, que se centravam no acesso à terra, à educação, a infraestruturas e a condições de trabalho nas áreas de reforma agrária.

trabalhando, plantando roça. Mas já tinha o gado coletivo, quando foi com 10 anos, com o projeto que era do banco, que dividiu o projeto coletivo. Cada assentado ganhava uma bezerrinha, e hoje todo mundo lá é dono de gado, dono de terra, dono de casa. E dá para ir vivendo. (...) O inverno, pode passar dois, três anos sem chover, que não dá para criar nada. Esse ano foi [bom?] para chover e criar água nos açudes. Até os açudes tinham secado.

Eric Wolf notara que para o camponês, o Estado é uma quantidade negativa, sugadora de impostos e de gente, um mal a ser substituído (Wolf, 1969). Nessa obra sobre os movimentos camponeses do século XX, os agricultores são entendidos como agentes de forças de maiores dimensões, produzidas tanto pela desordem passada como pela desordem presente. A percepção de *kairos* no relato de Maria Ana está associada a uma nova correlação de forças no Brasil, numa conjuntura em que a pressão dos subalternos conseguiu algum eco. *Kairos* parece ser o deus que ganha o seu tempo com a eleição e reeleição do presidente Lula da Silva, e com o mandato de Dilma Rousseff, uma oportunidade adequada ao estabelecimento de assentamentos de populações sem-terra: “*Se não fosse um governo que nem Lula, que tinha entrado, e Dilma, os trabalhadores viviam hoje na miséria e com fome. Lula dá a gente de comer três vezes, que nem ele disse que dava. E Dilma, todo mundo que queria, comeu três vezes, e ainda está comendo. Ninguém sabe se vai durar muito, com esses governantes que tem aí.*”.

A ênfase na agroecologia, contrariando o uso do «veneno», a forma simplificada de referir os agrotóxicos comuns na agricultura capitalista de sobreexploração de pessoas, terra, água e ar, surge também no discurso. A vida boa é a que dá saúde, embora possa ter começado a ser construída já tarde, dentro de um percurso biográfico, mercê de condições de partida adversas. Cabe-lhe dentro novas edificações de gênero, porque são múltiplos os vetores da luta e da construção de condições, de raiz.

Nós mulheres, no mundo que nós estamos hoje, nós somos as donas do mundo. Porque se você for pensar o que uma mulher faz: trabalhar na roça, dar conta de marido, de filho, de neto, de genro, de nora, de tudo a mulher tem que dar de conta... Se tem um doente, “Faz um chá para mim”. Outro: “Faz isso, faz aquilo”, e ainda trabalhar na roça. Minha horta é minha riqueza no mundo, eu tiro mais salada no mês. Sou eu quem cava, quem bota o estrume, quem

planta, quem arranca, quem vende, quem faz todo o processo. É muito gostoso, a família da gente e a gente se organizar num trabalho desses. (...) Outra coisa, você só come o que você planta, aí você não vai plantar uma coisa para você usar veneno para você se matar, para você mesmo se matar. Você só come coisa boa. Aí, dá uma vida grande à gente, uma vida longa, é uma delícia. Eu já tenho treze netos, graças a Deus, o derradeiro ele nasceu esse mês, a derradeirinha.

Os dias de Maria Ana são cheios e longos, entre o feijão, o milho, a fava e o andu cultivados na roça, mais a batata doce, a macaxeira, o maracujá, a banana, vários tipos de salada, e ervas destinadas a remédios. Todas as semanas vai ao Crato vender os seus produtos na feira de produtos orgânicos, e leva também galinhas e ovos. Cria porcos, galinhas, gado, e deita-se cedo, para se levantar cedo.

Sabe-se, por ali, que se o futuro fosse igual ao presente, os longos meses secos não indiciariam as águas de março e o abril de águas mil, que mudam o curso do tempo e transfiguram a paisagem. É também o sertão que ajuda a pensar o porvir, que não é uma continuidade de um determinado presente. Sem incorporar o imprevisto, a aceleração do tempo, o sonho, ou o que está por inventar, o porvir amanhece falecido, carregado de desânimo, com ameaças de colapso (Jappe, 2019; Taibo, 2019) e de roubo do futuro (Lanceros, 2017). Contudo, os relatos de Maria Ana e das outras mulheres que conheci mostram que o alfofre do porvir pode estar num caminho para o incerto, construído contra presentes sombrios e exasperantes.

### 3. SOMOS MULHERES/SOMOS GUERREIRAS/NÃO NAUFRAGAREMOS/SEREMOS UM MAR DE BANDEIRAS

Num filme realizado para o programa «Comida de Verdade», em 2020, quando já praticamente toda a gente na ecúmena tomava a máscara como uma parte da sua indumentária para se poder preservar do avanço da pandemia de Covid 19, mulheres de todas as idades colocavam em frente da boca e do nariz *outras* máscaras. Em fundo, ouve-se uma canção que remete para a épica da luta: *Somos mulheres/somos guerreiras/não naufragaremos/Seremos um mar de bandeiras*. Nas ações mais potencialmente transgressoras, que poriam em risco a segurança das mulheres que as levam a cabo e a exporia à repressão, as militantes do

MST preservam a sua identificação cobrindo parte do rosto. Assim sucede numa ação levada a cabo no dia 13 de março de 2019, em Anapólis, Goiás, quando várias centenas de mulheres do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento Camponês Popular (MCP) cortaram as correntes metálicas que protegiam o portão de acesso à propriedade “Agropastoril Dom Inácio”. Esta terra pertencia a João «de Deus», um latifundiário que se apresentava como *médium*, e que é identificado como predador sexual<sup>4</sup>.

Pela estrada de acesso à propriedade, de madrugada, os autocarros que as transportavam assemelhavam-se a uma lagarta gigante. Antes destes tempos de máscaras anti-pandemia, estas mulheres já sabiam que tinham de camuflar-se com lenços, porque arriscavam muito. Não estavam dispostas à defensiva, tal como em 2006, quando ocuparam as instalações do viveiro de eucaliptos da Aracruz, e o destruíram, alertando para os danos ambientais da plantação intensiva dessa cultura, e, nomeadamente, para a devastação de aquíferos. Apesar dos tempos funestos, não recuaram. Primeiro silenciosas, depois a gritarem «Terra Livre!», denunciaram um proprietário de terras como violador de centenas de mulheres. Esta ação viria a ter algum impacto na comunicação social do Brasil, conquanto o tempo seja de cerco e o MST não esteja acostumado a ser bem tratado pelos *media*. Numa pancarta, içada nos campos agora na posse das mulheres, lia-se: “Pelas vidas das mulheres, somos todas Marielles”, evocando Marielle Franco, a militante assassinada em 2018. Para as mulheres do MST, a luta pela reforma agrária popular é também contra o capitalismo e o patriarcado, com a articulação das lutas, no espaço e no tempo. Se a justiça, no campo, passa pela reforma agrária, requer igualmente outras ações de força.

No processo de reforma agrária, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) enquadró as populações rurais mais pobres e excluídas, política e economicamente, racializadas e de mulheres, que reivindicaram o direito a mobilizar-se e a organizar-se, pela terra e por um novo modo de vida, em defesa da reforma agrária, contra o Estado e o latifúndio. Em conjunturas pautadas pela presidência neoliberal de

---

<sup>4</sup> Ver MST - Brigada de Audiovisual Eduardo Coutinho (2019) *MST Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - Jornada de lutas das mulheres Sem Terra*, <https://www.youtube.com/watch?v=ZJXNNb8fNAY&feature=youtu.be>, acessado em 22.11.2020.

Fernando Henrique Cardoso, e pelos governos de esquerda de Lula da Silva e Dilma Rousseff, cresceu o número de assentados e de terra cultivada por famílias. Frequentemente, tiveram de passar pelo inferno de acampamentos insalubres, em que os militantes viveram anos sob plástico preto, antes de lograrem terra para cultivar e uma casa. É um processo com sofrimento e com mortos, porque a autoridade do Estado e dos proprietários pode sobrepor-se<sup>5</sup>.

Em conjunturas adversas e persecutórias, vozes como a de Maria Ana permitem olhar para as lutas do passado e do presente, que trouxeram dentro vitórias, com uma melhoria acentuada de condições de vida, em menos de trinta anos. O Nordeste brasileiro tem uma história que pode medir-se pelas secas, com multidões de retirantes. No final da década de 1970 emergiram modelos de desenvolvimentismo capitalista, e, paralelamente, movimentos rurais com inusitada força. Nos campos, cresceram as disparidades, com a mercantilização de atividades que fizeram crescer a diferenciação social e a especialização.

O clamor por reforma agrária alimentara as Ligas Camponesas, que se disseminaram por parte significativa do Nordeste, a partir da década de 1950. O trabalho obrigatório sem pagamento, os despejos sem indenização, os aumentos do foro e a violência crescente requeriam a construção de uma consciência de classe por parte dos camponeses, que permitisse a organização para a conquista de direitos. Após o golpe de 1964, os líderes das Ligas Camponesas que não se exilaram foram perseguidos e mortos. Porém, ainda que fossem eliminados os cabecilhas, as razões das lutas não desaparecem.

O MST surgirá no Rio Grande do Sul, mercê de confluências variadas, sob a bandeira da reforma agrária, num contexto a que se juntarão reivindicações de mulheres, de agricultores ameaçados pelas obras públicas, sobretudo barragens e hidroelétricas, de pequenos camponeses que pretendem aceder a políticas sectoriais do Estado, de populações expulsas para as periferias das cidades e que procuram teto e terra, de indígenas e quilombolas, cujas terras ficam sob ameaça. Serão decisivos sectores progressistas da Igreja Católica, eivados pelo discurso e a prática da Teologia da Libertação. As Comunidades Eclesiais de Base juntaram populações sem-terra desde os anos 1970, e viria a ser

---

<sup>5</sup> Segundo o INCRA, no final de 2017 havia no Brasil uma área de 87.978.041,18 hectares com 972.289 famílias assentadas, em 9.374 assentamentos. No Ceará, aponta-se 21.587 famílias assentadas, que ocupavam 916.172,98 hectares, integrando 457 assentamentos.

crucial um organismo da igreja católica, a Comissão Pastoral da Terra. Sob a consigna «Terra para quem nela trabalha», o MST passa até hoje por vários episódios de enfrentamento com pistoleiros a soldo dos grandes proprietários, e com a polícia. São marcantes na memória de luta massacres como os de Corumbiara, em Rondônia, em agosto de 1995, em que dez trabalhadores rurais foram mortos pela polícia, e o de Eldorado dos Carajás, no sul do Pará, em abril de 1996, com dezanove assassinados pela polícia. Nos anos do governo Collor de Mello, em 1991-92, resistiu com o recurso a longas marchas, que lhe permitiram expandir os seus objetivos. Devido à sua força crescente, os governos, sobretudo à esquerda, tiveram de passar a tê-lo em conta. Integra a Via Campesina, surgida nos anos 1990, que federa internacionalmente associações e movimentos de camponeses. Na conjuntura atual, é apontado pelo presidente Jair Bolsonaro como «grupo terrorista», e enfrenta inimigos internos poderosos, devido à aliança das classes dominantes no Brasil, expressa politicamente nos três bês da bancada direitista - «boi, bíblia e bala», a síntese certa da deputada federal Erika Kokay -, que dão expressão ao capital agrário, industrial, comercial, bancário, ao conservadorismo ideológico, e ao acentuar da repressão. Por outro lado, há uma oposição externa, do grande capital e das suas agências internacionais (Banco Mundial, FMI), que fica inquieta com a reforma agrária, o combate ao agro-negócio, ao uso de agrotóxicos, à eucaliptização intensiva, e com a defesa da agroecologia (Godinho, 2020).

Neste texto, que se centra sobre o momento oportuno para agir, torna-se evidente que tal significa frequentemente estar disposta ao sofrimento, a adquirir mesmo uma injuriosa denominação, quando se corta a corrente do latifúndio e se entra com outros sem-terra numa fazenda: “Que a gente muda logo o nome, que todo mundo que passa por a gente diz logo assim: “*Olha, as ladras de terra*”. *A gente muda logo o nome, não é?*” (Maria Ana, Fortaleza, entrevista de Abril de 2019). A circunstância apropriada e decisiva, ocorre no momento certo, que chega no seu tempo, em que se cruzam vários itinerários, intensificando o horizonte de expectativas. Como nota Armando Bartra, de *kronos a kairos* transforma-se a qualidade do tempo, que abre janelas para o impossível (Bartra, 2014).

*Kairos é um deus, pouco importante, esquecido, helênico*, escreve Olga Tokarczuk (2019: 297-8). Remete para tempos repletos, que conduzem a caminhar, a mergulhar no desconhecido a partir do qual se

busca o real, o justo, onde a simples realidade factual desaparece: *incipit vita nova* (Bloch, Tomo I: 11). Enquadra a aceleração da história e a revolução, que é um conceito universal elástico (Koselleck, 1979:68), cuja tonalidade natural deriva do curso das estrelas desde Copérnico. Em 1543, Copérnico publicou *De revolutionibus orbium caelestium*: as revoluções ocorrem acima das nossas cabeças, mas cada um dos afetados fica prisioneiro das suas leis (Koselleck, 1979:71), numa associação que une as estrelas e as convulsões políticas. A partir do séc. XVIII o conceito teria novos matizes, e poderia abarcar todas e cada uma das coisas do planeta. Mais, 1789 introduz uma contaminação entre revolução e evolução, com os prognósticos a aliarem-se a noções de movimento.

No relato de vida recolhido, bem como na ação de março de 2019, torna-se legível a relação entre a experiência e a expectativa, a delinear existências que não toleram os limites das correntes, do arame farpado e do latifúndio, abrindo os trilhos da reforma agrária. Nos trabalhos comunais, e na ação coletiva, à conquista de melhores condições de vida, deteta-se energia criativa e esperança, imprescindíveis para transformar em realizável o que é aparentemente inexequível. Cortar uma cerca, passar uma fronteira, ocupar uma terra, é conquistar a liberdade de entrar e sair de mundos que deixam de ser alheios, e são apropriados. A realidade tem gretas, que permitem que se furem às prisões das possibilidades. São, por vezes, derrotadas. Esse é só o momento de recomeçar.

## BIBLIOGRAFIA

- BARTRA, Armando (2014) *Hacia un marxismo mundano. La clave está en los bordes*, Ciudad de México, Universidad Autónoma Metropolitana e Editorial Itaca.
- BLOCH, Ernst (1976) [1938-1947] *Le principe Espérance I*, Paris, Gallimard.
- CONTRERAS, Raúl (2021), “Para una antropología de los sueños humildes. Elementos para trascender el presente etnográfico”, Dossier Usos do tempo, entre passado e porvir, coord. Paula Godinho, *Revista Memória em Rede*, Universidade Federal de Pelotas, Vol. 13, nº 24, 178-207.
- (2019) *Imaginar futuros - La temporalidad del ganarse la vida en el Valle del Mezquital; Hidalgo, México*, Universidad Nacional Autónoma de México, Tese de Doutoramento em Antropologia, Facultad de Filosofía y Letras/Instituto de Investigaciones Antropológicas/ Instituto de Investigaciones Sociales,
- CUNHA, Euclides da (1902) (1983) *Os Sertões I e II*, Porto, Lello Editores.
- FONTANA, Josep (2019) *Capitalismo y democracia 1756-1848 - Cómo empezó este engaño*, Barcelona: Crítica.
- GODINHO, Paula (2020) “*Falta por aqui uma grande razão* (ou várias razões pequenas?) - O chicote da história, o todo e as partes nas práticas sociais”, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, nº 60:191-207, [https://revistataeonline.weebly.com/uploads/2/2/0/2/22023964/falta\\_paulagodinho\\_tae60.pdf](https://revistataeonline.weebly.com/uploads/2/2/0/2/22023964/falta_paulagodinho_tae60.pdf)
- (2017) *O futuro é para sempre – Experiência, expectativa e práticas possíveis*, Lisboa/Santiago de Compostela, Letra Livre/Através Editora
- (2016) “Futuros passados, futuro ausente ou um terraço para outra coisa ainda? Um ensaio sobre usos da memória, teoria e

- métodos”, in Manuel Lisboa, coord. *Metodologias de investigação sociológica*, Famalicão, Húmus, pp. 131-162.
- JAPPE, Anselm (2019) *A sociedade autofágica – Capitalismo, desmesura e autodestruição*, Lisboa, Antígona.
- KOSELLECK, Reinhart (1979) [1983] *Futuro passado – Para uma semântica de los tempos históricos*, Barcelona, Paidós.
- LANCEROS, Patxi (2017) *El robo del futuro. Fronteras, miedos, crisis*, Madrid, Catarata.
- MST - Brigada de Audiovisual Eduardo Coutinho (2019) *MST Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - Jornada de lutas das mulheres Sem Terra*, <https://www.youtube.com/watch?v=ZJXNNb8fNAY&feature=youtu.be> , acessado em 22.11.2020.
- NEVES, Frederico de Castro; CÂNDIDO, Tyrone, org. (2017) *Capítulos de história social dos sertões*, Fortaleza, Plebeu Gabinete de Leitura.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes (2016) *O massacre do Caldeirão. História oral do 11 de setembro de 1936*, Fortaleza, Escola Livre de História.
- RANCIÈRE, Jacques (2000) *Le partage du sensible. Esthétique et politique*, Paris, La fabrique.
- SCOTT, James (1986) "Everyday forms of peasant resistance", *Journal of Peasant Studies*, vol 13, nº2, Jan, pp 5-35.
- (2009) *The Art of Not Being Governed*, New Haven and London, Yale University Press.
- TAIBO, Carlos (2019) *Colapso – Capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo*, Lisboa, Letra Livre/Mapa.
- TOKARCZUK, Olga (2019) *Viagens*, Lisboa, Cavalo de Ferro.
- VUILLARD, Eric (2016) *14 juillet*, Paris, Actes Sud Editions
- WOLF, Eric (1969) *Peasants wars of the twentieth century*, New York, Evanston & London, Harper and Row.